A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Apresentação: Comunicação Oral

Paulo Sérgio Dantas da Silva¹; Monik Maria da Conceição Lima²; Mádsen Francisco da Silva³; Natália Maria da Silva⁴.

RESUMO:

O presente artigo busca apresentar algumas reflexões a cerca da importância do trabalho de campo no ensino da geografia diante a instrução fundamental II. No entanto, na atualidade mesmo com todos os avanços metodológicos presentes na educação, essa atividade ainda não vem sendo muito trabalhada pelos professores da disciplina de geografia, uma vez que, muitos ainda associam a ideia de que a educação só deve ocorrer dentro da sala de aula. Esta perspectiva tradicional resulta em aulas entediantes e os alunos sentem-se desmotivados perante o ensino\aprendizagem dos conteúdos geográficos. Assim, o trabalho tem por finalidade evidenciar a importância das aulas de campo no ensino da geografia escolar, na qual proporciona a associação do saber teórico com o prático, fundamental para o processo de ensino e aprendizagem, em prol da educação geografia, e, sobretudo, do despertar pelo interesse do aluno pela matéria de geografia, pois novas metodologias atraem novos olhares, onde as excursões pedagógicas estimulam o gosto pelos assuntos geográficos. Contudo, com base nas reflexões promovidas no decorrer do artigo, através da pesquisa realizada no campo escolar, a investigação parece contribuir para que os docentes de geografia percebam a importância deste método de ensino, no qual propõe aulas práticas e interativas, permitindo que o aluno seja agente central na construção do conhecimento geográfico. Portanto, através dos resultados obtidos, é nítido que as aulas lineares, resultam no desestímulo dos discentes em relação à educação geográfica, e a aula de campo surge como um método didático de ensino\aprendizagem que os docentes podem utilizar em sua práxis, possibilitando o conhecimento prático dos assuntos vistos em sala de aula.

Palavras-Chave: Aula de Campo; Leitura do Mundo; Educação Geográfica; Ensino e aprendizagem.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia no *Campus* Mata Norte da Universidade de Pernambuco. E-mail: paulo_dantas@outlook.com

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no *Campus* Mata norte da Universidade de Pernambuco. E-mail: monikleonel@hotmail.com

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia no *Campus* Mata Norte da Universidade de Pernambuco. E-mail: mamadsen123@hotmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia no *Campus* Mata Norte da Universidade de Pernambuco. E-mail: silva.n.mda@gmail.com

INTRODUÇÃO

Diante de um mundo globalizado e repleto de complexidades, a educação ainda sente-se resumida aos muros escolares, baseada numa ideologia tradicionalista. É importante entender que todo espaço se constitui como um lócus educativo seja ele um ambiente formal ou informal (RÊGO, 2015). Deste modo, viver é um constante processo de aprendizado, a partir dos movimentos e relações interpessoais.

Assim sendo, a Geografia como ciência tem a necessidade de estudar as relações sociais que ocorrem no espaço geográfico, além de analisar os processos socioambientais. No entanto, as complexidades geradas pelo capital globalizado e pela perspectiva de homogeneização do espaço, torna função do professor de Geografia, alfabetizar os discentes em prol de leituras do mundo, a partir de seu espaço vivido. Porém, como interpretar, associar e analisar o espaço geográfico e o jogo de redes estabelecido, dentro de uma sala de aula? Como trabalhar sobre o conhecimento prévio dos alunos, apenas teorizando?

A aula de campo se faz importante para o processo de ensino\aprendizagem, onde possibilita a construção do conhecimento prático, ultrapassando a teorização vista em sala de aula, e, além disso, expressa os significados prévios contido nas experiências cotidianas dos alunos.

Contudo, o trabalho de campo permite ao discente fazer análises do mundo a partir do local a que está inserido, pois as novas visões propostas pelo campo resultam em novos olhares críticos, devido à dialógica contida nos diferentes ambientes.

Dessa maneira, o presente trabalho está delineado da seguinte forma: no primeiro capítulo- Contribuições da Aula de Campo para a Educação Geográfica; teorizamos com base em alguns autores a importância da utilização do trabalho de campo pelos professores, como práxis relevante de ensino e aprendizagem nas aulas de geografia. Onde, buscamos expor a necessidade de estimular os alunos em prol da matéria de Geografia.

No entanto, no segundo capítulo: Pesquisa Escolar; retratamos uma pesquisa feita em uma escola estadual do município de Nazaré da Mata, Pernambuco. Na qual, teve como método investigativo as bases qualitativas, através de um questionário aplicado com o 9º ano do ensino fundamental II, a respeito da temática em questão.

Todavia, as reflexões promovidas durante o decorrer do artigo, irá promover o despertar de novos olhares, podendo resultar na adoção de novas práticas de ensino e aprendizagem, em prol da educação geográfica que permita o estímulo dos alunos por esta ilustre disciplina, a geografia escolar.

1. CONTRIBUIÇÕES DA AULA DE CAMPO PARA A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

O trabalho de campo como ferramenta pedagógica possui grande importância perante o processo de ensino e aprendizagem das mais diversas disciplinas, sobretudo, abrange uma enorme relevância no ensino de geografia.

A utilização das visitas técnicas em prol de estudos práticos, que permitem aos discentes a associação do saber teórico construído em sala de aula com o concreto, visto e compreendido no campo, se faz de grande valia, principalmente quando trabalhado sobre o conhecimento prévio dos alunos, isto é, quando é inserido\interligado aos significados resultantes do cotidiano dos discentes.

Diante deste pressuposto, Cordeiro & Oliveira (2011, p. 103) afirmam que: “Esse posicionamento faz com que o educando perceba que a geografia vai além de algumas páginas de um livro, ou de uma sala de aula, mas que a mesma pode ser presenciada em diversos meios que o próprio aluno vivencia em seu cotidiano”.

Callai (2005, p. 228) contempla esta reflexão ao destacar a importância da leitura do espaço geográfico, em prol da compreensão das complexidades contidas na dinâmica do espaço, onde:

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultados da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola: Refletir sobre as possibilidades que representa, no processo de alfabetização, o ensino de geografia, passa a ser importante pra quem quer pensar entender e propor a geografia [...].

Tendo em vista as novas visões do espaço promovidas pelas aulas de campo, que concretizam a teoria ao evidenciar a prática, as expressões geográficas e suas complexidades contidas na paisagem, fazem das visitas técnicas uma ferramenta de ensino e aprendizagem que promove o despertar do interesse pelas questões geográficas, onde a criticidade desencadeada nestas ações, caminham lado a lado com os PCN's de Geografia, perante a formação de discentes críticos capazes de viver em sociedade.

No entanto, sabe-se que as dúvidas concebidas na aula de campo devem ser saciadas com a complementação do conteúdo trabalhado na sala de aula, na qual este método de ensino e aprendizagem também se faz importante para o ensino da geografia, porém como ferramenta auxiliar e não primordial.

Thomas Júnior (1992), expressa à aula de campo como alternativa sólida de se viabilizar teoricamente o propósito de ultrapassar a reflexão em sala de aula, como método de praticar ou executar a observação da realidade. Desse modo, estabelece um momento impar do exercício da práxis teórica.

Conforme este paradigma, buscamos em Pontuschka (2007, p. 105) as bases que dinamizam o processo de ensino e aprendizagem proposta pelo trabalho de campo, na qual:

O Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente e com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos.

Dessa maneira, a implantação das visitas técnicas em prol da construção prática do conhecimento é fundamental para a motivação dos alunos, onde deixar a sala de aula e o ensino tradicional me parece estimula-los a construir o conhecimento, a querer aprender mais sobre a matéria de Geografia, na qual segundo Farina et al (2007,p. 111): “Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo”, sendo exposto por Piaget (1996) que o sujeito só aprende diante do interesse promovido por uma ação estimuladora.

De acordo com as menções aqui realizadas, cabe ao Professor possuir uma boa erudição sobre os conteúdos que pretende abordar na aula de campo, principalmente conhecer o local da excursão. Contrapondo a perspectiva do fazer por fazer (BELO et al, 2010).

Cabe ressaltar, que o trabalho de campo, assim como qualquer outra prática de ensino que promova a aprendizagem, precisa ser previamente planejada, o professor precisa fazer um levantamento prévio de informações, esquematizar o roteiro, no intuito de evitar qualquer tipo de problema, e assim poder alcançar os objetivos da visita técnica com maior facilidade, como aponta Pereira et al (2015).

Iluminando este pensamento, Furlan (2005, p. 111) vem destacar a importância do planejamento das aulas de campo, ao relatar:

Todo trabalho de campo é precedido por uma avaliação de planejamento (...). Uma pesquisa bibliográfica antes de ir ao campo é muito importante, pois permite um melhor conhecimento do local a ser estudado, facilitando o planejamento das atividades de campo.

Entretanto, além do planejamento e da apresentação teórica em sala de aula dos aspectos centrais da atividade de campo, faz-se necessário deixar evidente o que é a aula de campo e a sua diferença para passeio\lazer. Assim, com o conhecimento teórico sobre conteúdos que serão abordados e vistos durante o trabalho de campo, os alunos desencadearão uma série de indagações ao se depararem com as representações conceituais práticas.

A aula de campo é uma ferramenta pedagógica que expressa significados práticos para o conhecimento teórico visto em sala de aula. E utilizar este método na educação básica promove a fuga do alicerce tradicional, na qual a educação parece estar alojada com aulas entediantes e desestimuladoras, onde a Geografia parece ser vista pelos discentes como disciplina decoreba, seja por professores com outras formações lecionarem a matéria e\ou pela má formação do docente, sobretudo, o de Geografia.

Assim, a aula de campo ganha espaço nos métodos de ensino geográfico, pois os alunos sentem-se estimulados ao se depararem com a prática do saber teórico e as significações contidas no espaço. A sala de aula e os livros também se fazem importantes, mas é nítido a necessidade de inovação e saída das quatro paredes. Cabe salientar que o trabalho de campo pode ocorrer em uma praça próxima à escola, no pátio da mesma ou abaixo de uma árvore, baseada numa perspectiva sem custos e de inclusão.

Scortegagna & Negrão (2005) complementam a importância deste método de ensino da seguinte forma: “é no campo que o aluno poderá perceber e aprender os vários aspectos que envolvem o seu estudo, tanto naturais quanto sociais”. As contribuições promovidas pelo trabalho de campo em prol da educação geográfica se apresentam com grande relevância, onde o despertar das significações teóricas-práticas dão uma nova visão a disciplina de geografia, pois os alunos sentem-se motivados a conhecer mais sobre a ciência e a fazer questionamentos sobre assuntos contemporâneos veiculados pela mídia e internet.

Freire (1996, p. 133) corrobora com este pensamento ao destacar que: “[...] temos um compromisso político para que em sala de aula, incite o aluno, a fim de que ele com os

materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la na íntegra de mim”. A aula de campo promove o entendimento prático dos conteúdos teóricos, esta ludicidade promove a construção do conhecimento de forma interativa e tendo o aluno como sujeito central no desenvolvimento da constituição conceitual.

Desta forma, o campo parece ser o laboratório dos geógrafos e é nele que as representações geográficas se dão de forma relevante, capazes de promover uma educação geográfica de forma contundente, estimulando os alunos a indagarem as reflexões propostas no trabalho de campo. Nessa perspectiva a aula de campo surge como um método estimulante para os discentes se aprofundarem nos assuntos geográficos.

2. PESQUISA ESCOLAR

Tendo em vista a importância da aula de campo no processo de ensino\aprendizagem dos conteúdos geográficos, onde possibilitam o desenvolvimento do saber prático diante as representações espaciais e teóricas trabalhadas em sala de aula, foi elaborado um questionário baseado numa perspectiva qualitativa de análise em uma escola estadual do município de Nazaré da Mata-PE, com 25 alunos do 9º ano do ensino fundamental.

Os resultados obtidos foram interpretados por meio do questionário e por observações de aulas ministradas por Docentes de Geografia em algumas turmas da escola, sobretudo, no 9º ano. Desse modo, com base nas respostas dos discentes sobre o entendimento sobre Aula de Campo, obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 1: Entendimento sobre Aula de Campo

Fonte: Paulo Dantas, 2015.

Com base no (Gráfico 1), podemos observar a falta de conhecimento sobre este valioso método de ensino e aprendizagem, na qual 84% dos alunos não sabem ou não souberam responder o que é o trabalho de campo. Assim, Pinheiro (2013, p. 22) ressalta que a aula de campo “constitui uma importante ferramenta metodológica para a mediação entre o aluno e o espaço geográfico”, que garante resultados eficazes na educação geográfica.

Entretanto, os 4 alunos representando os 16% das respostas satisfatórias sobre aula de campo, ressaltaram que as excursões pedagógicas são simplesmente a saída da escola, o deslocamento do ambiente urbano para o campo e a observação da paisagem.

Na segunda questão do questionário indagamos os alunos sobre a importância da aula de campo em prol do ensino e aprendizagem da geografia, conforme exposto no (Gráfico 2).

Fonte: Paulo Dantas, 2015.

De acordo com o (Gráfico 2), percebemos que 24 alunos afirmaram que as aulas de campo se fazem importante perante o ensino da geografia, porém diante do (Gráfico 1), onde notamos que 84% dos alunos não sabem o significado real do trabalho de campo, define-se que o ato da inovação metodológica desperta o interesse dos alunos, nos quais sentem-se entediados diante a práxis linear e tradicional utilizadas pelos professores da escola, fazendo com que 96% dos discentes assegurem a importância das aulas de campo no ensino adequado da geografia.

Como justificativa para a questão em evidencia, os alunos destacaram que através do campo obterão maiores conhecimentos, se sentirão estimulados a aprender os conteúdos geográficos e que há uma necessidade das aulas práticas para um melhor entendimento do conteúdo teórico visto em sala de aula.

No entanto, perante a metodologia tradicional adotada pelo professor de geografia do 9º ano, a terceira questão tem por base evidenciar a problemática causada pelas práticas de ensino e aprendizagem tradicionais e lineares, onde o (Gráfico 3) expõe que:

Gráfico 3: Estímulo diante os assuntos geográficos

Fonte: Paulo Dantas, 2015.

O (Gráfico 3) confirma as consequências do método tradicional de ensino, onde os alunos se veem entediados perante os assuntos geográficos, na qual para Silva (2010, p. 7) destaca que:

“É necessário que o professor deixe de se apoiar nas descrições dos fatos, baseando-se exclusivamente no livro didático, buscando alternativas para lhe ajudar a promover um ensino mais prazeroso e dinâmico, abandonando a forma mecânica de ensinar com a memorização, considerada retrógrada”.

Dessa maneira, tornasse evidente conforme os 72% dos alunos que responderam não se sentirem motivados a conhecer\aprender os assuntos de geografia devido a práxis de ensino tradicional utilizadas pelo docente, baseada apenas no uso do quadro negro e no livro didático. No entanto, estas implicações se dão pelo fato de um professor com formação em Pedagogia lecionar a disciplina de Geografia, ou não?

Goulart (2011) aponta que os pedagogos não possuem a erudição necessária para ministrarem as aulas de geografia no ensino fundamental, onde Pinheiro (2013, p. 24-25) vem a corroborar ao destacar que: “A situação de crise pelo qual o Ensino de Geografia passa, requerem esforços e inovações para superar o delicado quadro que envolve os aspectos didático-pedagógicos dessa disciplina escolar”.

Todavia, é diante da práxis de ensino e aprendizagem adotada pelos discentes de geografia da escola, sobretudo, a do 9º ano do ensino fundamental, que a quarta questão tenta chamar atenção para quais ferramentas metodológicas os alunos desejariam que fossem utilizadas nas aulas de geografia, conforme expressa o (Gráfico 4):

Gráfico 4: Ferramentas Geográficas

Fonte: Paulo Dantas, 2015.

Com base nas respostas, pode-se ressaltar o anseio pela mudança da metodologia do professor de geografia, na qual 8 alunos representando 32% desejam a utilização de instrumentos que dinamizam o ensino geográfico, ao possibilitar representações que os mapas e os globos fornecem. Entretanto, 16% dos alunos optaram pela adoção de: oficinas pedagógicas, que expressam o lúdico em prol da educação geográfica; *Datashow* e Slides, em prol de aulas expositivas tecnológicas; e o uso do quadro negro, onde também se faz importante, conforme resposta de 1 aluno, porém que seja utilizado como ferramenta auxiliar, em prol de um ensino geográfico dinamizado e que promova o despertar do interesse pela matéria.

Contudo, 52% dos alunos preferiram as aulas de campo como método de ensino, onde Pereira et al (2015, p.2) ressalta que:

O campo é visto como laboratório de geografia, onde as excursões pedagógicas surgem como um instrumento eficaz para estabelecer uma nova concepção na relação ensino/aprendizagem, pois o aluno passa a contemplar a Geografia, fugindo da teoria tão presente nos livros didáticos e nas aulas teóricas, permitindo assim, uma maior compreensão do espaço geográfico.

Portanto, se torna evidente a necessidade das excursões pedagógicas nas aulas de geografia, objetivando o conhecimento prático e o estímulo dos alunos perante a disciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após nossas reflexões acerca do estudo de campo no ensino fundamental II na disciplina de geografia, é possível afirmar que quando bem trabalhada pelo professor, essa prática didático/metodológica lhe permite desenvolver aulas dinâmicas, atraentes e de grande importância no processo de ensino/aprendizagem para os alunos.

As contribuições implementadas por meio da aula de campo, proporciona ao professor um auxílio do processo de ensino-aprendizagem da geografia, propiciando diversos elementos favorecedores ao desenvolvimento do conhecimento de leitura de mundo, que dificilmente seriam encontrados em aulas teóricas apresentadas em sala de aula. Assim sentiu-se a necessidade de diagnosticar como essa metodologia vem sendo aplicada por professores de geografia das escolas públicas da cidade de Nazaré da Mata – PE.

Cabe ressaltar, que esta prática pedagógica pode ser utilizada por todos os demais componentes curriculares da educação básica, além de poderem realizar este método de ensino/aprendizagem de forma conjunta, em prol da perspectiva interdisciplinar proposta nas diretrizes educacionais.

Assim, ficou evidente por meio da pesquisa realizada no campo escolar, que as aulas lineares e o alicerce tradicional de ensino, desestimulam os alunos perante os assuntos geográficos. Assim, a pesquisa apontou para a mudança metodológica dos professores observados, na qual a aula de campo parece ser a ferramenta pedagógica que mais proporciona o estímulo dos alunos em prol da construção do conhecimento prático.

Portanto, a aula de campo se faz de suma importância no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de geografia, pois expressam significados práticos para as aulas de geografia e dinamizam o ensino da mesma, despertando o interesse e a curiosidade pelo entendimento dos demais conteúdos geográficos, favorecendo o processo de educação geográfica.

REFERÊNCIAS

BELO, V. L.; RODRIGUES JUNIOR, G. S.; **A importância do trabalho de campo no ensino de geografia**. XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. AGB: Porto Alegre - RS, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo:** A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cadernos Cedes, n. 66, Maio/Ago. 2005.

CORDEIRO, J. M. P.; OLIVEIRA, A. G. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 099-114, maio\ago. 2011.

FARINA, B. C. GUADAGNIN, F. Atividades práticas como elementos de motivação para aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. **Geografia:** práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FURLAN, S. A. Técnicas de Biogeografia. In: VENTURE, Luis Antonio Bittar. (Org). **Praticando geografia:** Técnicas de campo e laboratório em geografia. São Paulo: Oficina de textos, 2005. P. 99-130.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOULART, Lígia Beatriz. **Aprendizagem e ensino:** uma aproximação necessária à aula de geografia. In: TONINI, Ivaine Maria et al. (orgs.) Ensino de geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

PEREIRA, E. S.; SILVA, J. C. B.; SILVA, H. P. B. **A aula de campo como ferramenta geográfica de leitura de mundo:** análise da abordagem metodológica dos professores de Nazaré da Mata-PE. In: I Seminário de Educação Geográfica. João Pessoa: UFPB, 2015.

PINHEIRO, I. A.; SANTOS, V. S.; RIBEIRO FILHO, F. G. **Brincar de Geografia:** o lúdico no processo de ensino e aprendizagem. Revista Equador (UFPI), Vol.2, Nº 2, p. 25- 41, Jul./Dez., 2013.

PIAGET, J. **A Construção do Símbolo na Criança.** São Paulo: Zahar, 1996.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

RÊGO, E. E. **A importância do estudo do meio no ensino fundamental II na disciplina de geografia:** reflexões e sugestões de roteiros de campo. In: I Seminário de Educação Geografia. João Pessoa: UFPB, 2015.

SILVA, J. L. **O lúdico no ensino da geografia:** dificuldades e possibilidades. João Pessoa: UFPB, 2010.

SORTEGAGNA, A.; NEGRÃO, O. **Trabalhos de campo na disciplina de Geologia Introdutória:** a saída autônoma e seu papel didático. Terra e didática, v.1, 2005. Disponível em: <www.ige.unicamp.br/terraedidatica>. Acesso em: 24 de Outubro de 2015.

THOMAZ JÚNIOR, Antônio. Trabalho de Campo: o laboratório por excelência do geógrafo. In: **Geografia passo-a-passo:** ensaios críticos dos anos. Presidente Prudente: Centelha, 2005.